

ATITUDE E LITERATURA: A EXEMPLO DO ROMANCE *DIE UNDANKBARE FREMDE*, DE IRENA BREŽNÁ

Dionei Mathias*

 <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>

Como citar este artigo: MATHIAS, D. Atitude e literatura: a exemplo do romance *Die undankbare Fremde*, de Irena Brežná. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-14, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT16053>.

Submissão: 1º de maio de 2023. **Aceite:** 12 de junho de 2023.

Resumo: Este artigo tem como objetivo verificar a aplicabilidade do conceito de atitude na análise de textos literários. Depois do texto introdutório, o artigo recupera alguns aspectos da discussão teórica sobre esse conceito, tentando identificar possíveis nexos para a prática de representação na literatura. Em seguida, busca ilustrar alguns de seus potenciais como instrumento analítico, discutindo o romance *Die undankbare Fremde*, de Irena Brežná, publicado em 2012 e sem tradução para o português brasileiro. O artigo conclui que o conceito pode servir como ponto de partida para a discussão de dinâmicas de sentido, embates de percepção e práticas de interpretação, contribuindo assim para a identificação de potenciais estéticos do texto literário.

Palavras-chave: Estudos literários. Teoria literária. Representação literária. Atitudes. Irena Brežná.

* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: dioneimathias@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde a segunda metade do século XX, a presença de vozes oriundas de contextos de fluxos migratórios tem se intensificado na produção literária de diferentes literaturas nacionais. Essa presença se refere, num primeiro momento, a agentes da produção de artefatos escritos, com autores cuja história de vida está atrelada a alguma forma de migração e cuja produção se insere nesse campo de produtos intelectuais. Ao mesmo tempo, essa presença se dá nas próprias malhas ficcionais, em que personagens migrantes ou com alguma história de migração têm recebido maior atenção nos esforços das práticas representacionais. Tanto na esfera da produção como na esfera da representação, essas vozes buscam compreender as dimensões desses deslocamentos migratórios, de modo a recuperar seu histórico, identificar elementos de dissonância ou também desbravar formas de refletir sobre o convívio com as diferenças. Nesse cenário, o modo como atitudes são concretizadas tem um lugar de destaque.

Atitudes revelam algo sobre visões de mundo e posicionamentos na cartografia social, com o intuito de produzir, estabilizar ou desconstruir sentidos. Não raramente, o embate entre esses diferentes lugares de enunciação, com seus posicionamentos ou suas visões de mundo, transforma-se em ponto de partida para o empenho intelectual, servindo como fio condutor da trama e de seus conflitos. Nesse horizonte, o trabalho estético voltado para a arte da palavra tenta entender estratégias de produção de sentido, verificando como elas se concretizam nas interações de personagens e explorando as conotações que provêm de diferentes perspectivas. As soluções encontradas pelas múltiplas vozes das literaturas de fluxos migratórios obviamente não são simples. E elas não podem ser simples, uma vez que a realidade – aquela que fundamenta o convívio de seres – é complexa e depende de inúmeros fatores que impactam o processo de construção dessa realidade compartilhada.

Para o público leitor, isso representa uma grande chance de treinamento da prática de identificação de sentidos. No contexto específico da literatura de fluxos migratórios, a trama ficcional contrapõe vozes. A exemplo disso, encontram-se personagens que deixam o contexto sociocultural de sua primeira socialização para se assentarem em outro país, personagens cujos membros familiares são migrantes e cuja malha simbólica impacta a construção de suas visões de mundo, mas também personagens socializadas no país de assentamento que passam a interagir com membros de outras culturas, cujas práticas simbólicas desconhecem. O embate de perspectivas encenado na trama ficcional representa o ponto de partida para o trabalho de interpretação, uma habilidade-chave em múltiplos contextos.

O trabalho de interpretação se revela especialmente interessante para refletir sobre os condicionamentos culturais que embasam as visões de mundo e, nesse contexto, também sobre as atitudes adotadas por personagens diante das mais diversas incursões da realidade (ficcional) sobre sua concretização existencial, no nível individual. Os episódios que compõem o enredo, com alguma frequência, colocam personagens diante de tarefas de interpretação, exigindo uma leitura das dimensões simbólicas e um posicionamento diante das implicações que emergem do conflito. O resultado dessa confluência entre leitura e posiciona-

mento no bojo do conflito depende, em grande medida, das atitudes adotadas por personagens. Em alguns casos, o conflito se transforma em riso, em outros casos conduz a desfechos trágicos. Entre esses dois extremos, é possível matizar e diferenciar, de acordo com a atitude e suas consequências para a ação no respectivo episódio.

Essa é a hipótese sobre a qual este artigo deseja refletir, a fim de verificar se o conceito de atitude pode ser profícuo para análise de textos literários. Nessa esteira, a seguir o artigo recupera a discussão teórica em volta do conceito de atitude e tenta compreender como esse conceito se entrelaça com os interesses dos estudos literários. Depois, apresenta uma análise do romance *Die undankbare Fremde*, de Irena Brežná, com o intuito de verificar a aplicabilidade do conceito na prática de interpretação literária. O romance de Brežná foi publicado originalmente em 2012 e ainda não tem tradução para o português brasileiro¹. Trata-se de um texto que problematiza os encontros entre membros socializados em diferentes práticas culturais e cujas atitudes se prestam para refletir sobre as estratégias adotadas para processar as múltiplas implicações da diferença.

ATITUDES: REFLEXÕES SOBRE UM CONCEITO

Todo texto literário está fundamentado na representação de práticas simbólicas. A existência dessas práticas simbólicas precede a criação do artefato estético. A arte da palavra trabalha com esse material composto por símbolos, rearranjando-o de modo a produzir efeitos de sentido. Esses potenciais de sentido, por sua vez, podem desencadear processos de reflexão sobre práticas simbólicas e oferecer alternativas de percepção e decodificação. A existência humana é física, mas também simbolicamente condicionada. O contato com outras formas de organização simbólica representa a chance de identificar esse condicionamento e questionar suas limitações. O texto literário contribui para isso.

Antes de serem fixadas no texto literário por meio do código verbal, práticas simbólicas já atravessam ações, comportamentos e atitudes. Sua circulação se dá, em grande medida, de forma imaterial, sendo transmitida por meio de diferentes estratégias, de modo a garantir a internalização de seus sentidos ao longo do percurso de socialização. Em possível analogia com a língua, o processo de socialização parece compreender o domínio da gramática de regras tácitas, vigentes num espaço compartilhado. A descrição dessa gramática normativa não é uma tarefa simples, como aponta Lahire (2015, p. 1397):

[...] muitos são os sociólogos que, desde os grandes fundadores da sociologia, têm procurado apreender como as mais variadas experiências socializantes se sedimentam em modos mais ou menos duráveis de ver, sentir e agir (sejam elas chamadas de propensões, inclinações, maneiras de ser persistentes ou permanentes, hábitos, ethos, habitus, disposições, esquemas ou perspectivas), e como esses produtos do passado, mais ou menos homogêneos ou heterogêneos, incorporados pelos socializados determinam em parte suas ações e reações em vários contextos presentes de ação.

O lexema “sedimentar”, utilizado para captar o modo como práticas simbólicas se fixam na concretização existencial de cada indivíduo, atualiza as dimensões

1 As traduções apresentadas aqui são de responsabilidade do autor deste artigo.

do processo paulatino e do caráter orgânico em que isso ocorre. O material desagregado que compõe, nesse caso, o substrato simbólico vai se assentando, formando estruturas que vão se modificando de acordo com a velocidade do depósito de novos sedimentos. Parece importante recuperar essa conotação da organicidade inerente ao processo de socialização, pois é esse processo orgânico que subsequentemente também sugere o suposto caráter natural das práticas simbólicas. Justamente dessa sensação de que algo é natural emergem os discursos de legitimação e, posteriormente, de imposição.

Essa sedimentação simbólica é responsável pela estabilização de parâmetros de visão, afeto e ação. Trata-se de três vetores importantes e todos eles essenciais para a arte literária. A visão é responsável pela instauração de perspectivas, formas de perceber e interpretar o mundo. Os sentimentos emergem da canalização de energia afetiva e direcionam ações e percepções. Ações, por fim, representam formas de investimento da energia cognitiva e afetiva, com a finalidade de transformar o espaço compartilhado da vida. Para dinamizar tudo isso, as práticas simbólicas oferecem narrativas que definem regras de pertencimento e hierarquização, sugerindo, desse modo, como cada indivíduo pode participar e se articular, em determinadas coordenadas sociais. Em seu estudo sobre o conceito de Estado, Bourdieu (1996, p. 115) busca ilustrar como essa sedimentação se transforma em senso comum:

Generalizando a hipótese de Durkheim, segundo a qual as “formas de classificação” que os “primitivos” aplicam ao mundo são produto da incorporação das estruturas dos grupos nas quais eles estão inseridos, podemos supor que, nas sociedades diferenciadas, o Estado pode impor e inculcar de modo universal, na escala de um certo âmbito territorial, estruturas cognitivas e de avaliação idênticas, ou semelhantes, e que deste fato que deriva um “conformismo lógico” e um “conformismo moral” (expressões de Durkheim), um acordo tácito, pré-reflexivo, imediato, sobre o sentido do mundo, que é o fundamento da experiência do mundo como “mundo do senso comum”.

O processo de socialização representa uma espécie de treinamento, em que o indivíduo aprende a enxergar o mundo, a gerir suas emoções e a agir, em consonância com as expectativas dominantes no grupo a que pertence. Mais uma vez em analogia com a língua, desvios tendem a não passar despercebidos, desencadeando um movimento de vigilância e possível punição, a fim de assegurar a manutenção da norma. Na passagem citada, Bourdieu fala de “estruturas cognitivas e de avaliação” que se instalam no indivíduo, cujos dispositivos são responsáveis pela produção de uma espécie de senso comum. Com isso, determinadas formas de enxergar e interpretar o mundo se transformam paulatinamente em algo natural. Suas implicações dispensam um escrutínio mais detalhado, produzindo um movimento de automatização – Bourdieu fala de “um acordo tácito, pré-reflexivo, imediato”.

Estruturas cognitivas e de avaliação estão relacionadas à percepção e à interpretação, dois elementos essenciais também à arte do verbo. Talvez seja possível afirmar que o texto literário, quando não se encontra afiliado à indústria cultural, tende a buscar por soluções que justamente desautomatizam formas de perceber e interpretar o mundo. Com isso, ele tende a ir na contramão da naturalização e de práticas simbólicas sedimentadas, para produzir o estranhamento. Desse estranhamento emerge um potencial de reconfiguração dessas práticas,

ao suscitar novas percepções e interpretações que tendem a questionar o dado, em sua suposta naturalidade e normalidade.

O senso comum representa formas de pensar, compartilhadas por membros de um determinado agrupamento. Um indivíduo pode se sentir afiliado à proposta inerente a essa visão de mundo ou não. Isso depende do respectivo posicionamento diante das narrativas que a acompanham. Assim, ao se posicionar, o indivíduo também aceita as hierarquias e categorizações que o grupo adota como norma:

A consequência da autocategorização é uma acentuação das semelhanças percebidas entre o eu e outros membros do grupo, e uma acentuação das diferenças percebidas entre o eu e os membros do exogrupo. Essa acentuação ocorre para todas as atitudes, crenças e valores, reações afetivas, normas comportamentais, estilos de fala e outras propriedades que se acredita estarem correlacionadas com a categorização intergrupala relevante (Stets; Burke, 2000, p. 225).

O processo de socialização automaticamente insere todo indivíduo em algum grupo. Para muitos, o primeiro grupo é a própria família. Conforme o processo vai avançando, tendencialmente indivíduos se afiliam a outros agrupamentos. A passagem por cada uma dessas formatações sociais implica o contato com práticas simbólicas que definem escalas de valores, regras de posicionamento ou também papéis sociais. Paulatinamente, o indivíduo internaliza os usos linguísticos e, com eles, as narrativas de mundo que fundamentam a existência de determinado grupo.

Essas narrativas contêm modelos identitários a serem seguidos. Esses modelos fazem sugestões de como agir, portar o corpo, concretizar o pertencimento de gênero, canalizar as emoções ou direcionar o comportamento. Na medida em que ocorre a adoção dessas narrativas como norte da concretização existencial individual, o sujeito também internaliza roteiros (*scripts* ou *frames*) de interpretação da realidade. Num nível pré-reflexivo, interlocutores e suas ações são enquadrados e interpretados com base naquilo que determinado grupo entende por adequado, definindo o direcionamento de atitudes.

A internalização desses roteiros de interpretação apresenta vantagens, pois permite uma espécie de base comum que acelera ações e diminui as barreiras no processo de comunicação. Ao menos, isso vale enquanto não houver dissonância entre as visões de mundo que imperam no grupo. O problema tende a surgir quando um membro identifica a arbitrariedade de ações tidas como naturais ou normais. Para que isso ocorra, um indivíduo não precisa ter sua origem em outro espaço cultural. A tendência, no entanto, é que, quando sua socialização cultural teve lugar em outra prática simbólica, a probabilidade de identificar dissonâncias cresça exponencialmente. As literaturas de fluxos migratórios ilustram isso com frequência, encenando as crises que decorrem do choque, mais ou menos intenso, entre diferentes práticas simbólicas.

Nesse horizonte, o encontro com a diferença se revela com chance para expandir o escopo da percepção. A mobilidade cultural permite isso, por vezes. Ela pode ocorrer dentro de um mesmo país, nos fluxos migratórios inter-regionais ou entre espaços rurais e urbanos, mas também entre diferentes países. Em todas essas situações, atores sociais são confrontados com novas formas de conduzir a percepção. Em seu estudo sobre capital simbólico e classes sociais, Bourdieu (2013, p. 298) escreve:

Um mundo social é um universo de pressupostos: os jogos e as apostas que propõe, as hierarquias e as preferências que impõe, em suma, o conjunto das condições tácitas de pertencimento, o que é dado como certo por aqueles que fazem parte dele e que é investido com valor aos olhos de quem quer fazer parte dele, tudo isso repousa, no fundo, no acordo imediato entre as estruturas do mundo social e as categorias de percepção que constituem a doxa ou, como diz Husserl, a protodoxa, uma percepção do mundo social como natural e dado como certo.

Todo deslocamento cultural, portanto, compreende um encontro com novas práticas simbólicas que condicionam a percepção. Com isso, a inserção plena nesses novos espaços não está concluída com a obtenção do direito de permanência física. Pelo contrário, é o árduo processo de compreensão das diferentes dinâmicas de sentidos que atravessam esse espaço que vai definir como determinado sujeito pode participar ou não da configuração da vida social. Em seu estudo, Ennes (2020) ilustra como essas dinâmicas também se sedimentam no próprio corpo. Esse processo, no entanto, não se limita a compreender a narrativa que condiciona a “percepção do mundo social como natural e dado como certo”. Ele se estende igualmente a um trabalho ainda mais penoso que reside em questionar essa naturalidade e confrontar os usuários das práticas simbólicas que legitimam essa naturalidade com a arbitrariedade dessa construção e com alternativas de interpretação. Nesse segundo passo, o sujeito não permanece na posição de subordinado. No lugar da subordinação, ocorre a adoção de um papel de agência que assume responsabilidade pelo espaço compartilhado da convivência.

As atitudes têm um lugar de destaque nessa confluência entre socialização e pertencimentos de grupo. Com efeito, o percurso de inserção nas diferentes práticas simbólicas que um determinado espaço social oferece implica a aquisição de moldes interpretativos que vão direcionar a leitura do entorno. Nessa esteira, o trabalho de avaliação também está no centro do conceito de atitude:

Os seres humanos reagem aos seus ambientes de forma avaliativa. Eles amam e protegem seus parentes e se esforçam para manter avaliações positivas de si mesmos e daqueles ao seu redor. Avaliam a atratividade dos outros. Também avaliam e selecionam líderes, decidem como gastar seus recursos e planejam o futuro que visualizam. Tais ações encobertas e abertas frequentemente envolvem julgamentos sobre se objetos, eventos, o si e outros são favoráveis ou desfavoráveis, agradáveis ou desagradáveis, bons ou ruins. Os especialistas que estudam as atitudes investigam os fatores envolvidos nessas avaliações: como elas são formadas, alteradas, representadas na memória e traduzidas em cognições, motivações e ações (Albarracin et al., 2005, p. 3).

Toda avaliação contém um esforço de identificação dos sentidos que emergem de um determinado contexto e um esforço de construção de uma narrativa que permita concatenar esses sentidos, de modo a permitir a concretização de ações. Atrelada a isso, encontra-se a habilidade-chave de interpretação. No processo de socialização, o sujeito não aprende somente as regras tácitas que configuram um espaço interacional, ele também internaliza roteiros de interpretação que facilitam a tomada de decisões. Isso obviamente não significa que toda atitude implica automaticamente a adoção desses roteiros tácitos, mas eles con-

dicionam, em grande medida, o modo como o respectivo indivíduo consegue enxergar determinada situação. Problematizar atitudes, portanto, demanda refletir sobre dinâmicas interpretativas e seu impacto para a apropriação ou também concretização da realidade.

Essa dinâmica de interpretação não remete somente ao mundo exterior, com o qual o respectivo indivíduo se vê confrontado. Ela diz respeito igualmente ao conjunto de fatores individuais. O texto canônico de Katz (1960) chama a atenção para isso ao analisar a funcionalidade das atitudes. Isto é, as atitudes não só revelam um posicionamento diante de acontecimentos externos, mas também remetem a valores ou objetivos a que o indivíduo confere importância. Nesse sentido, Katz (1960, p. 163) escreve: “No nível psicológico, as razões para manter ou mudar atitudes encontram-se nas funções que desempenham para o indivíduo, especificamente as funções de ajustamento, defesa do ego, expressão de valores e conhecimento”. Essas funções e suas implicações, em parte, indubitavelmente são acessíveis ao indivíduo, tornando-se objeto de figuração, em sua consciência. Uma parte substancial, contudo, certamente também permanece inconsciente, impactando a concretização de atitudes, sem que o indivíduo se dê conta disso. As ações de avaliar e interpretar, portanto, estão conectadas com diferentes graus de clareza sobre a função que determinada atitude pode vir a ter.

Isso também vale para o grau de consciência acerca dos objetivos que o sujeito apresenta quando adota uma atitude. Para Carpenter, Boster e Andrews (2013, p. 104), um indivíduo desenvolve determinada atitude para alcançar objetivos. Esses objetivos podem ser múltiplos, mas, de uma ou de outra forma, estão ligados às concepções do si e a anseios de pertencimento e identidade. Com isso, atitudes contêm processos semânticos complexos, cujos vetores, por vezes, não apresentam um sentido único. A discussão de atitudes, portanto, implica explorar essa tensão semântica, identificar suas ambiguidades e verificar como isso se relaciona com a imagem que o respectivo sujeito busca construir. Aqui, estamos diante das entrelinhas, do não dito e, em parte, do não simbolizado, acessíveis somente pelos meandros do contexto.

O estudo literário, em geral, e o olhar da literatura de fluxos migratórios, em específico, fornecem instrumentos para treinar a arte de interpretação e adquirir técnicas que permitam interpretações que fogem de respostas simples, com formulações dicotômicas. A aquisição dessas técnicas também implica voltar o olhar para o condicionamento cultural do próprio interpretador e instalar gatilhos de ceticismo, a fim de criar mecanismos de proteção contra posicionamentos intransigentes. Se atitudes emergem de processos de interpretação, o conhecimento sobre as técnicas que fundamentam o ato interpretativo representa um saber essencial.

No enredo de textos literários, personagens adotam atitudes, tomando decisões ou se esquivando delas. Em alguns casos, sua semântica se caracteriza por enfeixamentos inequívocos de sentido, permitindo uma decodificação célere. Em outros casos, as contradições são múltiplas, especialmente quando personagens revelam não ter clareza sobre os objetivos ou sobre as funções que determinada atitude está cumprindo. Nesse sentido, o ato de interpretação se destaca em dois vieses: por um lado, sua encenação na esfera ficcional, na medida em que a personagem busca compreender algo e se posiciona diante dos acontecimentos, produzindo ação. Por outro lado, ele tem um papel central no

movimento de decodificação do texto literário, uma vez que a compreensão da tensão semântica é imprescindível para a apreensão do conflito que o respectivo texto propõe.

Atitudes estão ligadas a potenciais de sentido, embates de percepção e práticas de interpretação. Literatura oferece conhecimentos sobre essas dinâmicas. Cabe ao público leitor identificar e transferir seus potenciais para suas próprias práticas simbólicas. A seção que segue propõe uma discussão do romance *Die undankbare Fremde*, de Irena Brežná, tendo como foco as atitudes adotadas pela protagonista diante de diferentes situações com que se vê confrontada. As respostas para a tensão semântica que emergem desses episódios não são simples e não devem ser. Mais importante que desambiguação do sentido talvez seja o conhecimento sobre suas dinâmicas.

ATTITUDES NO ROMANCE *DIE UNDANKBARE FREMDE*, DE IRENA BREŽNÁ

Irena Brežná nasceu em 1950, na então Tchecoslováquia. Em 1968, no bojo da repressão do movimento da Primavera de Praga, seus pais emigram para a Suíça (Acharya, 2019, p. 82). No novo país, ela dá continuidade a seus estudos na Universidade de Basileia. A condição de imigrante acompanha Irena na vida pessoal, posteriormente também na vida profissional, quando trabalha como intérprete para repartições públicas. A intersecção dessas duas realidades cria uma sensibilidade apurada, treinando o olhar para encontros interculturais e seus impactos nas interações cotidianas.

O romance *Die undankbare Fremde* foi publicado em 2012. Seu enredo apresenta dois vetores: o primeiro relata os desafios de comunicação de uma protagonista que se assenta na Suíça, e o segundo apresenta as experiências de uma intérprete com imigrantes e repartições públicas. Os dois eixos contêm traços autobiográficos. O título é ambíguo. Ele pode ser traduzido como “A estrangeira ingrata”, traçando um raio de ironia e crítica voltado contra a própria protagonista. A segunda leitura do título, seguindo Acharya (2019, p. 84), pode ser a “Terra estrangeira ingrata”, invertendo o olhar, portanto, e sugerindo que o país de assentamento se revela ingrato pelas contribuições de estrangeiros. Uma terceira possibilidade talvez seria entender a palavra *undankbar* a partir de sua segunda acepção (como em *eine undankbare Aufgabe*), isto é, como algo que demanda um esforço excessivo e que não traz os resultados esperados, unindo os lexemas “terra estrangeira” com “*árduo, improdutivo*” e assim atualizando um conjunto metafórico que remete ao processo penoso (possivelmente vão) de inserção num novo contexto cultural. Esse terceiro caminho reforça a leitura de Motyková (2012), que identifica uma complexa filigrana metafórica no texto de Brežná.

Nessa tensão semântica, o título condensa a estratégia estética do romance, cuja proposta não é resolver as ambiguidades ou oferecer um recorte inequívoco de sentido, buscando muito mais ilustrar como a percepção se encontra condicionada por práticas simbólicas e por atos de interpretação. Nesse sentido, o título já apresenta uma atitude. Ele se afasta de uma visão de mundo, pautada por verdades únicas ou intransigentes, preferindo chamar a atenção para o modo como se olha para o entorno e para a forma como se alinham os sentidos. Toda crítica que a protagonista enuncia no relato diegético, portanto, precisa ser lida por esse prisma, convidando o leitor a rever movimentos de decodificação

demasiado céleres e empreender um exercício de diferenciação, cuja estratégia central reside em reconhecer a diversidade de perspectivas e percepções.

Ao longo do enredo, a voz narrativa reiteradamente volta sua atenção para as atitudes do grupo dominante e as confronta com suas próprias visões de mundo. Sua estratégia, portanto, reside em comparar os modelos de interpretação e verificar como os resultados da comparação se coadunam com as práticas simbólicas prevalentes em sua narrativa identitária individual. Na passagem que segue, a protagonista se detém sobre a prática cultural da sinceridade:

Sinceridade estava na ordem do dia neste país. Sem mais delongas, eles jogavam um duro não na cara de seu interlocutor. Eu não conseguia me acostumar com essa grosseria, tentava transformar o não em um sutil talvez ou em um sim entusiasmado. Eles ficavam indignados, não pechinchavam. Almas leais, eram leais a um não, mas também a um sim (Brežná, 2021, p. 53).

Perpassada de ironia, a passagem remete a dimensões centrais do processo de socialização, de construção identitária e de adoção de atitudes. Confrontada com a diferença das práticas simbólicas, a protagonista identifica, no bojo dos conflitos que emergem dessa diferença, que o comportamento dos membros do grupo dominante tem como fundamento um outro roteiro acional. É esse roteiro acional que define os critérios adotados para avaliar situações e contextos interacionais e, por consequência, as atitudes ante a realidade.

O que produz o conflito, nesse caso, é o modo como cada um dos interlocutores entende a gestão da sinceridade. Em seus respectivos processos de socialização, cada uma das partes internalizou os critérios identificados pelo grupo como aqueles que lhes parecem mais adequados para lidar com essa situação. A sinceridade, portanto, resulta de práticas simbólicas que ensinam a interpretar situações e produzir reações, de acordo com as compreensões culturais dominantes. Para um grupo, ela representa uma estratégia essencial para interações, produzindo atitudes que evitam contornos discursivos, pois o grupo confere valor à expressão sincera dos pensamentos. Para a outra parte, a exposição direta desses pensamentos, sem estratégias de amenização, representa comportamentos rudes, o que resulta em atitudes voltadas para a ideação de formas de abrandamento.

Um julgamento sobre as duas formas de conceber atitudes e, com isso, uma tomada de partido só revelariam o condicionamento simbólico daquele que interpreta a situação. Isso obviamente vai variar de acordo com a socialização cultural e a valência de seus roteiros comportamentais. Mais importante que a identificação da doutrina comportamental correta a seguir é a problematização desse condicionamento e do modo como ele impacta a forma de enxergar o mundo. Essa problematização convida para o exercício da relativização e da necessidade de sopesar, o que, por sua vez, pavimenta os caminhos para a negociação.

A frase final da passagem remete a essa estratégia, em consonância com o título do romance e sua proposta de perspectivação. Assim, da mesma forma que a rudeza do não faz parte de processos interacionais, o compromisso e a retidão do sim permitem ter alguma clareza sobre ações futuras. Para a identificação desse potencial, contudo, a protagonista precisa passar por uma espécie de letramento das práticas simbólicas. Isto é, para além do árduo aprendizado da língua e de suas regras, ela também precisa compreender as dinâmicas atitudinais que fundamentam o uso dessa língua.

Nessa mesma esteira, há um episódio em que a protagonista reflete sobre as dimensões culturais da expressão de críticas e elogios:

Neste país, a reprovação era alegremente cultivada, era tão comum quanto o elogio em nosso país. Um elogio não é pedagógico, é um bajulador corrupto, cria uma atmosfera doce que obnubila a razão. Elogios são desperdiçados em fenômenos merecidos, inverificáveis e fugazes como a beleza. Eu distribuía elogios a torto e a direito, elogiava as covinhas de alguém, em outro caso o vestido ou o penteado, e era considerada rebelde. Uma reprovação certa encoraja a perseverança, é uma faca de entalhe para o caráter. Nisso, eles eram generosos e usavam jogos de linguagem grosseiros (Brežná, 2021, p. 57).

Também nessa situação, há uma contraposição de atitudes. A voz narrativa problematiza os valores conferidos às práticas simbólicas de expressão de elogios e de reprovação. As duas práticas obviamente têm funções sociais e são utilizadas com a finalidade de orientar sobre comportamentos e estabilizar possíveis percursos acionais futuros. Elas funcionam como indicadores que direcionam o indivíduo sobre seu pertencimento ao grupo, na medida em que suas ações são alvo de avaliação. Essas avaliações, por sua vez, têm como fundamento o conjunto de valores negociados por atores sociais no processo de formação da identidade de grupo e servem como estratégia linguística para informar o interlocutor sobre seu posicionamento nesse cenário.

Com isso, o episódio ilustra o choque de atitudes e suas implicações para as imagens de grupo que cada interlocutor adota, mas também remete ao processo de avaliação dessas atitudes por terceiros, como forma de manutenção dos valores que predominam numa determinada formatação grupal. Uma parte substancial da competência cultural, portanto, reside em compreender as lógicas próprias que se escondem por trás de atitudes. O desbravamento desses potenciais de sentido não ocorre somente por meio do uso competente da língua, exigindo igualmente a compreensão e o domínio de uma gama adicional de práticas simbólicas. A voz narrativa ilustra isso, a partir dos usos de elogios e reprovações, numa passagem que dá sequência à argumentação apresentada no excerto anterior:

E já se abria uma brechinha para travar o conhecimento de alguém. A reprovação era a bala de prata para o outro. Estavam sentados atrás dos muros de suas fortalezas, e seria suspeito pedir entrada com uma palavra gentil e insignificante. Uma acusação tangível, por outro lado, criava confiança. Por muito tempo não reconheci suas táticas de conquista e pensei que não era amada. Eu estava cercada de censuras, no centro do amor (Brežná, 2021, p. 57-58).

O processo é paulatino, mas, à medida que a voz narrativa vai adquirindo um conhecimento mais profundo sobre as práticas culturais locais, ela também consegue compreender o teor semântico de determinadas atitudes com maior proficiência. Para compreender essas atitudes, ela precisa, antes de mais nada, apreender as lógicas de atribuição de valor. Conforme vai identificando os meandros semânticos que se escondem por trás de atitudes, ela também consegue traduzir seus sentidos para as práticas simbólicas que formam a base de sua visão de mundo.

Não é por acaso que a voz narrativa se utiliza de um vocabulário bélico para tentar captar essa dinâmica. As duas partes lançam mão de mecanismos de

defesa e proteção. Nesse caso, não são recursos econômicos ou espaciais que estão em jogo. Trata-se muito mais de um capital imagético e, com isso, narrativas identitárias individuais e de grupo, que se encontram nesse embate. Com efeito, indivíduos defendem suas narrativas identitárias, em grande parte, de forma inconsciente, pois a imagem do si e do grupo a que pertencem garante a manutenção de hierarquias, mas também de dignidade. Ou seja, há algo em jogo que precisa ser defendido, e isso ocorre por meio de atitudes.

Conforme a voz narrativa logra compreender essas dimensões semânticas, ela também adquire um conhecimento que lhe permite enxergar situações e atitudes por um outro prisma. Esse olhar que decodifica a realidade a partir das práticas simbólicas alheias pavimenta o caminho para o acesso a outras percepções. Com isso, ela não só decodifica a realidade local com maior proficiência, mas também estende proporcionalmente o escopo de suas chances de participação nesse espaço social.

Essa intersecção entre usos linguísticos, fluxos semânticos e identidade também se encontra em outro episódio, em que a voz narrativa aborda explicitamente a língua e suas dimensões locais:

A nova língua foi a maior aventura do exílio, e não economizei esforços para explorá-la. Era mais do que sobreviver como um ser linguístico – eu queria a minha dignidade de língua. Falando a língua escrita, eu dizia diariamente: “Os dialetos pertencem a vocês. Aprenderei a entendê-los, mas eu mesma não os falarei”. Assim como eles deixavam meu presente em forma de língua-padrão despercebido no canto, eu também fazia com seus dialetos. Que trágico casamento linguístico nós tínhamos! (Brežná, 2021, p. 114).

No encontro com a diferença local, ela se depara com duas concretizações da língua alemã: na versão-padrão e em forma de dialetos. Os dialetos são a língua de comunicação cotidiana. Eles proporcionam a sensação de pertencimento, fundamentam a identidade de grupo e representam, não raramente, o ponto de partida para interações marcadas por uma coloração afetiva positiva. A versão-padrão é a língua escrita, com uso restrito a determinadas esferas como por exemplo na mediação de conhecimentos ou no espaço da administração pública. Com isso, ela assume um caráter, por vezes, artificial, com conotações afetivas que tendem a neutralizar a sensação de pertencimento. Ao fazer uso de uma das respectivas modalidades comunicacionais, o indivíduo adota uma atitude, revelando simpatia ou aversão, busca de pertencimento ou indicação de rejeição. Essas atitudes perante a língua provêm de um processo de socialização que, de certa forma, ensina a canalizar os fluxos de capitais afetivos atrelados a usos lexicais ou variações fonéticas.

Como estrangeira, a voz narrativa se insere nessa dinâmica semântica e se posiciona diante das práticas identitárias inerentes aos usos da língua. Como em todas as outras situações, a compreensão das implicações contidas nas atitudes linguísticas emerge de um processo paulatino, conforme a protagonista vai adquirindo conhecimento cultural para captar dimensões de sentido que a descrição dicionarizada não revela. Nesse processo, ela opta por adotar a língua-padrão como instrumento de comunicação, ciente de suas consequências para as dinâmicas de pertencimento. Essa atitude tem implicações. Ela respeita o idioma local, sem forçar sua busca por pertencimento, simulando um uso da língua cuja característica central talvez seja o uso familiar (materno). Ela se identifica como estrangeira e não busca apagar as marcas linguísticas dessa condição.

Com essa atitude, ela renuncia aos potenciais afetivos aos quais poderia ter acesso por meio do uso dialetal, mas também adota uma postura linguística que não deseja elidir sua diferença. Com efeito, ela não renuncia ao desejo de pertencimento a essa comunidade. Para isso, adquire conhecimento sobre os dialetos e investe seu esforço intelectual na língua-padrão. Sua atitude busca proteger sua “dignidade de língua” e aposta nos potenciais da transformação. Isso contém um movimento de resistência, mas também de anseio por transformar as práticas simbólicas, de modo que possa participar sem precisar negar sua diferença. Nesse episódio, ocorreu uma inversão. Antes a protagonista era interpelada, por exemplo, a compreender a gramática da sinceridade e da reprovação. Aqui, interpelam-se os nativos a captar as dimensões semânticas da atitude linguística adotada pela estrangeira.

Quase ao final do enredo, a protagonista tece reflexões sobre sua identidade e, implicitamente, também sobre as atitudes às quais confere valor:

Camada por camada, experiências culturais são depositadas em minha personalidade. Elas não só se sedimentam lá, elas se comunicam entre si, e ousou dizer que agora formam uma base arejada e, portanto, resiliente. E há um lugar vazio no topo, eu o mantenho livre de poeira. Deixei os laços de sangue para trás, mas não o conceito de parentesco. Está em constante expansão, a cada transformação. As roupas mudam, o senso de comunidade deve permanecer comigo. A identidade cresce a partir da ação transformadora, não apenas por gostar de uma nova cultura. E nem toda alcateia é a minha (Brežná, 2021, p. 135-136).

Ao falar de depósitos e sedimentos, a passagem faz uso de um campo imagético já discutido na reflexão teórica sobre processos de socialização e formação identitária. O uso de complexos metafóricos caracteriza muitas passagens do romance, como identifica Motyková (2012). Aqui, o contato com a cultura do novo país de assentamento faz aflorar essa percepção, permitindo que a voz narrativa consiga encontrar instrumentos linguísticos para descrever o complexo processo desencadeado pelo contato com a diferença cultural. Nisso, também há uma atitude: nem de subordinação diante da cultura dominante, que dita as regras de pertencimento e responsável pela “vigilância normativa” apontada por Johnson (2015, p. 188), nem de rejeição da diferença que encontra nas interações com o novo espaço. A atitude que predomina é de diálogo com a alteridade e com as práticas simbólicas que encontra em seu percurso.

Para isso, abandona as narrativas de pertencimento pautadas pelo princípio de agrupamento étnico (“laços de sangue”) e parece apostar na afinidade que emerge de práticas simbólicas (“conceito de parentesco”). Em oposição a percepções monolíticas e intransigentes, ela expressa seu anseio por uma forma de parentesco que se encontra “em constante transformação”, isto é, aberta a revisões dos sentidos que fundamentam suas práticas simbólicas. Essa atitude também indica que seu anseio por pertencimento não é incondicional. No lugar de uma subordinação grata e inquestionada, ela expressa condições: “E nem toda alcateia é a minha”. Isso implica não aceitar automaticamente as visões de mundo que encontra. Pelo contrário, sua aproximação se dá no marco da reflexão sobre atitudes que identifica no comportamento de seus interlocutores.

Com isso, sua identidade e suas atitudes emergem “da ação transformadora”. Nessa esteira, ela rejeita a reprodução irrefletida de práticas simbólicas,

preferindo questionar seus fluxos e transformando-os em consonância com suas interpretações. Essa transformação implica a reivindicação de tomada de decisões e, com isso, de agência. Nessa atitude, a personagem se insere no novo espaço sociocultural como alguém que não deseja simplesmente reproduzir sentidos, mas como alguém que reivindica participar do processo de sua formação. Nas palavras de Acharya (2019, p. 85), ela não busca assimilação, mas sim participação. No lugar de um comportamento que simplesmente reproduz a visão de mundo dominante e de um olhar que decodifica a realidade de forma automatizada, instala-se um olhar perscrutador, cujo raio de atenção se volta para o escrutínio de atitudes e suas implicações semânticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atitudes representam formas de concretizar posicionamentos, de modo a definir regras de pertencimento, motivar ações e fundamentar a narrativa individual de identidade. O espaço cultural em que determinado sujeito transita estabelece, em grande medida, as práticas simbólicas a serem internalizadas ao longo do processo de socialização, em forma de atitude, produzindo a sensação de naturalidade. Os movimentos de deslocamento, em suas mais diversas configurações, tendem a revelar o caráter cultural desse acordo acional e a desencadear experiências de estranhamento. Dessa experiência emerge a chance de revisão das próprias atitudes, o potencial de questionamento sobre o condicionamento cultural e, sobretudo, a ampliação do escopo de percepção sobre práticas de convivência.

O romance de Irena Brežná não fornece um manual de atitudes. Seu objetivo é outro. Ao representar diferentes formas de concretizar atitudes na ação de personagens, ela lança um convite para refletir sobre essas dinâmicas. Para isso, ela não opta por fornecer respostas centradas em uma única visão de mundo, amenizando assim os perigos da unilateralidade e da cegueira intelectual. A ambiguidade do título já antecipa a estratégia de organização estética e argumentativa do texto: criar prismas, confrontar perspectivas, fazer experimentos com o embate de percepções. Por meio do código linguístico e seu arranjo em forma de narrativa, ela confronta o leitor com a instabilidade do sentido e, sobretudo, com o imperativo da interpretação.

Na tomada de atitude, potenciais de sentido, embates de percepção e práticas de interpretação estão intrinsecamente entrelaçados. Nesse sentido, o conceito de atitude, como instrumento analítico nos estudos literários, parece ser profícuo em dois sentidos. Ele pode servir como chave de acesso para a discussão da trama e suas ações, problematizando o modo como personagens se posicionam na realidade diegética e as consequências que isso tem para a representação das interações de personagens. Ao mesmo tempo, ele se revela interessante na medida em que serve como ponto de partida para problematizar as dinâmicas de construção de sentidos (tanto no plano ficcional das personagens como no plano extraficcional de decodificação por parte do público leitor). Aqui, as diferentes perspectivas, conjuntamente com as percepções que emergem delas, permitem discutir formas de apropriação de realidade (ficcional) e problematizar os percursos de construção do real (na esfera diegética) por meio das atitudes encenadas por personagens de ficção.

ATTITUDE AND LITERATURE: EXEMPLIFIED BY IRENA BREŽNÁ'S NOVEL *DIE UNDANKBARE FREMDE*

Abstract: This article aims to verify the applicability of the concept of attitude in the analysis of literary texts. In the first part, it recovers some aspects of the theoretical discussion about this concept, trying to identify possible links to the practice of representation in literature. In the second part, it seeks to illustrate some of its potentials as an analytical tool, discussing Irena Brežná's novel *Die undankbare Fremde* (*The thankless foreigner*) published in 2012. The article concludes that the concept can serve as a starting point for the discussion of meaning dynamics, perception clashes and interpretation practices, thus contributing to the identification of aesthetic potentials of the literary text.

Keywords: Literary studies. Literary theory. Literary representation. Attitudes. Irena Brežná.

REFERÊNCIAS

- ACHARYA, S. Ihr müsst mit uns rechnen, mit unserer Andersartigkeit. Transintegrative Entgegenfahrten im Werk Irena Brežná's. *Zeitschrift für interkulturelle Germanistik*, v. 10, n. 2, p. 81-88, 2019.
- ALBARRACIN, D. et al. Attitudes: introduction and scope. In: ALBARRACIN, D.; JOHNSON, B. T.; ZANNA, M. P. (ed.). *The Handbook of attitudes*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 3-19.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução Mariza Correa. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. Symbolic capital and social classes. *Journal of Classical Sociology*, v. 13, n. 2, p. 292-302, 2013.
- BREŽNÁ, I. *Die undankbare Fremde*. 4. ed. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2021.
- CARPENTER, C.; BOSTER, F. J.; ANDREWS, K. R. Functional attitude theory. In: DILLARD, J. P.; SHEN, L. (ed.). *The Sage handbook of persuasion: developments in theory and practice*. Thousand Oaks: Sage, 2013. p. 104-119.
- ENNES, M. A. E. Bourdieu and the "migrant-body": embodiment in the migratory context. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 8, n. 19, p. 26-58, 2020.
- JOHNSON, J. Critical of Swissness, or critically Swiss? Recent autobiographical fictions by Irena Brežná. *German Life and Letters*, v. 68, n. 2, p. 171-189, 2015.
- KATZ, D. The functional approach to the study of attitudes. *Public Opinion Quarterly*, v. 24, p. 163-204, 1960.
- LAHIRE, B. La fabrication sociale des individus: cadres, modalités, temps et effets de socialisation. *Educação e Pesquisa*, v. 41, n. esp., p. 1393-1404, 2015.
- MOTYKOVÁ, K. Die sprache in den metaphern im roman *Die undankbare Fremde* von Irena Brežná eine metaphernanalyse. *Slowakische Zeitschrift für Germanistik*, v. 4, n. 2, p. 18-25, 2012.
- STETS, J. E.; BURKE, P. J. Identity theory and social identity theory. *Social Psychology Quarterly*, v. 63, n. 3, p. 224-237, 2000.